



## Por que os lamanitas confundiram Amon com o Grande Espírito?

*"E um dos servos do rei disse-lhe: Rabana, que, interpretado, significa poderoso ou grande rei, pois consideravam seus reis poderosos; e por isso disse-lhe: Rabana, o rei deseja que fiques."*

*Alma 18:13*

### O conhecimento

Durante suas viagens missionárias, Amon pregou extensivamente ao povo do rei Lamôni, tendo primeiro se oferecido como servo ao rei. No entanto, depois que Amon salvou os rebanhos do rei de possíveis invasores, o rei Lamôni acreditava que ele era mais do que apenas um humano. Quando Lamoni soube do "grande poder ao lutar contra os que haviam procurado matá-lo, ficou muito espantado e disse: Certamente este é mais do que um homem. Eis que não é este o Grande Espírito que envia tão grandes castigos a este povo por causa de seus homicídios?" (Alma 18:2).

Os servos de Lamôni também compartilham dessa crença, declarando: "Se ele é o Grande Espírito ou um homem, não o sabemos", mas por causa de sua "grande força", acrescentaram os servos, "não acreditamos que um homem tenha tão grande poder, porque sabemos que ele não pode ser morto." (Alma 18:3). Pouco tempo depois, "um dos servos do rei disse [a Amon]: Rabana, que, interpretado, significa poderoso ou grande rei, pois consideravam seus reis poderosos" (Alma 18:13).

Como Matthew L. Bowen observou, o título Rabbanah "sugere fortemente suas origens semíticas/hebraicas (da raiz \*rbb/rby/rbh, 'ser [tornar-

se] numeroso', 'ser grande', 'ser [tornar-se] grande', 'aumentar, tornar-se poderoso')." Assim, essa designação é melhor entendida no mesmo contexto em que Amon é considerado o Grande Espírito; Bowen observou que a explicação de Mórmon "destaca dois termos narrativos-chave para a transição lamanita para a fé em Cristo: grande e poderoso". Além disso, Amon então "recorreu ao poder divino e o usou dentro do sistema de crenças lamanita existente para estender uma crença generalizada no 'Grande Espírito' em direção à fé em Jesus Cristo e sua Expição".

Um elemento central da crença lamanita parece ser a ideia de que o Grande Espírito agiu como um guerreiro divino em nome do povo e do cosmos como um todo. Essa crença remonta ao Velho Testamento, que usou uma linguagem que atribuía a Jeová as características de um guerreiro divino, que vem do céu para lutar batalhas em nome do povo de sua aliança. Esse sistema de linguagem e crenças também é comum às tradições em todo o mundo antigo. Jacó já havia usado essa mesma língua em 2 Néfi 6, sugerindo que os leítas trouxeram essa tradição do Velho Mundo.

Essa crença ajuda a explicar a história de Amon, pois foi, afinal, a vitória na batalha inicial de Amon, que levou os lamanitas a acreditar que Amon era um deus encarnado, e é feita menção frequente ao seu grande poder ou grande força. Além disso, Lamôni afirma que o Grande Espírito veio para preservar a vida de seus servos (Alma 18:4). Outros lamanitas declararam mais tarde que o Grande Espírito é o "que havia destruído tantos de seus irmãos", defendendo os nefitas em vez dos lamanitas (Alma 19:27). Tais visões de Deus lutando em defesa ativa de Seu povo da aliança são típicas do tema do guerreiro divino. Por causa da ênfase lamanita nas atividades de Deus como um guerreiro divino, que "necessariamente implicava poder na guerra", Bowen observa que "as habilidades de combate de Amon o tornaram o missionário ideal, se não perfeito" para esse povo naquela época.

Amon também percebeu isso e viu a reunião dos rebanhos de Lamôni como uma oportunidade para "Mostrarei a estes companheiros o meu poder, ou seja, o poder que está em mim[...] a fim de conquistar-lhes o coração e induzi-los a acreditar em minhas palavras." (Alma 17:29). O grande ou poderoso poder de Amon é ainda mais destacado em Alma 17-18 e

levou Amon a começar a ensinar o rei Lamôni e seus servos.

No entanto, em vez de confirmar a crença de que Amon era divino, "Amon reconhece isso como a oportunidade perfeita para explicar o poder de Cristo e ajudar Lamôni a ativar esse poder em sua vida por meio da doutrina de Cristo, começando pela fé". Como tal, ele pergunta: "Escutarás minhas palavras, se eu te disser por que poder faço estas coisas?" (Alma 18:22). Amon então passa a mostrar que Jesus Cristo era a fonte suprema de seu poder e que Jesus Cristo, em última análise, tem o poder necessário para salvar e libertar todas as pessoas.

## O porquê

Como Amon ensinou, Lamôni acreditou em todas as palavras que Amon falou e implorou pela remissão de seus pecados. Significativamente, o poder de Deus continuou a desempenhar um papel importante durante todo o resto da missão de Amon, mas de uma maneira nova. Em vez de descrever Deus como poderoso na guerra, os lamanitas começaram a reconhecer mais claramente o poder de Deus para salvar do pecado e da morte. Lamôni foi descrito como estando "sob o poder de Deus" por ter uma visão celestial, e a esposa de Lamôni reconheceu que Amon tinha poder, não para ser vitorioso na guerra, mas "de realizar grandes obras em seu nome" (Alma 19:4, 6).

Há também uma mudança clara à medida que os lamanitas reconhecem cada vez mais o grande amor de Deus. Bowen observou: "O poder do amor expiatório de Cristo era maior do que qualquer coisa que os lamanitas tivessem experimentado na cultura guerreira. O verdadeiro poder do Grande Espírito era o amor". Isso talvez seja visto na oração de Ânti-Néfi-Leí, que descreve Deus como grande, concentrando-se não na grande guerra, mas em Seu amor por Seus filhos: "E o grande Deus teve misericórdia de nós[...] porque ama nossa alma, bem como ama nossos filhos; portanto, em sua misericórdia ele nos visita por meio de seus anjos, para que o plano de salvação nos seja revelado, assim como às gerações futuras." (Alma 24:14).

Amon também mencionaria o grande poder de Deus encontrado em seu amor ao oferecer extensas ações de graças no final de sua missão. Amon perguntou a

seus irmãos: "quem poderá falar em demasia de seu grande poder e de sua misericórdia e de sua longanimidade para com os filhos dos homens?" Ele também relatou como a grande misericórdia de Deus havia sido estendida ao povo alguns anos antes, permitindo que eles se arrependessem e, finalmente, observou como o grande poder de Deus levou a tal sentimento de amor em todo o povo de Ânti-Néfi-Leí: "eis que vos digo: Houve já tão grande amor em toda a terra? Eis que vos digo: Não, não houve, nem mesmo entre os nefitas." (Alma 26:16, 20, 33). Em vez de se concentrar em suas próprias realizações, Amon constantemente adia todo o louvor ao Senhor, reconhecendo corretamente que era somente por meio de Seu amor e poder que essa obra poderia ter sido realizada.

Como Bowen observou: "Amon havia sido honrado pelos lamanitas de uma perspectiva doutrinariamente incompleta como 'Rabannah'. O poder de Cristo em Amon como guerreiro capturou sua atenção, mas foi o poder do amor de Cristo em Amon por Lamôni e todos os lamanitas que fez de Jesus a verdadeira Rabana." Por causa de seu ministério cuidadoso, Amon foi capaz de levar muitos ao evangelho de Jesus Cristo, e eles foram "firmes na sua fé em Cristo até o fim", reconhecendo o puro amor de Cristo em suas vidas (Alma 27:27).

## Leitura complementar

Matthew L. Bowen, "Rabannah: Ammon as a Type of Jesus Christ", em *Book of Mormon Insights: Letting God Prevail in Your Life*, ed. Kenneth L. Alford, Krystal V. L. Pierce e Mary Jane Woodger (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2024), pp. 145–146.

Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers: The Book of Mormon as History* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), pp. 285–289.

Daniel Belnap, "'I Will Contend with Them That Contendeth with Thee': The Divine Warrior in Jacob's Speech of 2 Nephi 6–10", *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): pp. 20–39.



© Central do Livro de Mórmon, 2024

## Notas de rodapé

1. Matthew L. Bowen, "Rabannah: Ammon as a Type of Jesus Christ", em *Book of Mormon Insights: Letting God Prevail in Your Life*, ed. Kenneth L. Alford, Krystal V. L. Pierce e Mary Jane Woodger (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2024), pp. 145–146.
2. Para estudos mais amplos sobre esse tópico, ver, por exemplo, Nicholas Wyatt, *Myths of Power: A Study of Royal Myth and Ideology in Ugaritic and Biblical Tradition* (Munster, Germany: Ugarit-Verlag, 1996); Martin Klingbeil, *Yahweh Fighting from Heaven: God as Warrior and as God of Heaven in the Hebrew Psalter and Ancient Near Eastern Iconography* (Göttingen, Germany: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999); Michael A. Fishbane, *Biblical Myth and Rabbinic Mythmaking* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2003).
3. Ver Daniel Belnap, "'I Will Contend with Them That Contendeth with Thee': The Divine Warrior in Jacob's Speech of 2 Nephi 6–10", *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): pp. 20–39; ver também o artigo na Central do Livro de Mormon, "Por que Jacó descreve Deus como um guerreiro divino? (2 Néfi 6:17)", *KnoWhy* 277 (26 de dezembro de 2017).
4. Brant Gardner destaca a crença de que os semideuses mesoamericanos, entre os quais ele afirma que Amon estava na mente dos lamanitas, "nem sempre foram benéficos; na verdade, eles eram muitas vezes maléficos". Esses "semideuses não agiram de forma lógica ou coerente", mas se concentraram em "seus próprios propósitos extraterrestres e motivos misteriosos". Esse aspecto da adoração pré-colombiana também poderia explicar o medo expresso por Lamôni e seu povo com a perspectiva de um deus encarnado lutando entre seu povo, especialmente se esse deus estivesse defendendo principalmente os nefitas todo esse tempo e ficasse zangado com a perda de vidas entre os servos de Lamôni. Brant A. Gardner, *Traditions of the Fathers: The Book of Mormon as History* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2015), p. 288.
5. Bowen, "Rabannah", p. 146.
6. Bowen, "Rabannah", p. 149.
7. Bowen, "Rabannah", p. 151.
8. Bowen, "Rabannah", pp. 153–154.

